



PODER

Na Cúpula, Bolsonaro rebate onda de críticas

Em discurso, presidente nega desmatamento da Amazônia e diz defender a democracia. Especialistas divergem sobre declarações

» INGRID SOARES

Em discurso na Cúpula das Américas, em Los Angeles (EUA), o presidente Jair Bolsonaro rebateu as críticas internacionais à sua gestão do meio ambiente, voltou a falar em “voto auditável” nas eleições de outubro, defendeu pautas ideológicas e elogiou o presidente americano, Joe Biden.

Bolsonaro negou acusações de desmatamento na Amazônia, um dos temas centrais do evento. “Somos um dos países que mais preservam o meio ambiente e suas florestas. Temos a matriz energética mais limpa e diversificada do mundo”, enfatizou. “Mesmo preservando 66% de nossa vegetação nativa e usando apenas 27% do nosso território para pecuária e agricultura, somos uma potência agrícola sustentável. Não precisamos da região amazônica para expandir nosso agronegócio. Somente no bioma Amazônia, 84% da floresta está intacta, abrigando a maior biodiversidade do planeta.”

O chefe do Executivo admitiu dificuldades em relação à política de preservação diante da extensão territorial das florestas e disse que “nossos desafios são proporcionais ao nosso tamanho”. “Nosso Código Florestal deve servir de exemplo para outros países, afinal, somos responsáveis pela emissão de menos de 3% de carbono do planeta, mesmo sendo a 10ª economia do mundo”, frisou. As declarações ocorreram no mesmo dia em que dados de satélites mostraram que o desmatamento na Amazônia brasileira registrou o segundo pior mês de maio desde 2016 (**leia reportagem na página 6**).

Indiretamente, o presidente criticou ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e defendeu “liberdade de expressão”. “Atualmente, vemos no Brasil e em parte do mundo, um ataque às liberdades individuais por opinar de forma diferente. Ao longo do meu mandato, o Brasil manteve-se presente nos fóruns hemisféricos e regionais, trabalhando pela democracia, pela liberdade e pela prosperidade econômica e social”, destacou.

Ele também acenou ao eleitorado com pautas ideológicas, como aborto e defesa da família. “Temos um governo que acredita em Deus, que respeita os seus militares, é favorável à vida desde a sua concepção, defende a família e deve lealdade ao seu povo”, frisou. “No Brasil, já se entende que a liberdade é um bem maior que a própria vida, pois um homem ou mulher sem liberdade não têm vida.”

Admirador declarado do ex-presidente americano Donald Trump e um dos últimos chefes de Estado a reconhecer a vitória de Biden, Bolsonaro comentou sobre o primeiro encontro com o presidente americano, na quinta-feira. “Estive com o presidente Biden numa bilateral ampliada e, depois, em uma mais reservada, com pouquíssimas pessoas. Ficamos por 30 minutos sentados, numa distância inferior a 1 metro e sem máscara”, relatou. “A experiência foi simplesmente fantástica. Estou realmente **maravilhado** e acreditando em suas palavras e naquilo que foi tratado reservadamente entre nós.”

Pressionado pela comunidade

Jim Watson / AFP



Bolsonaro com Biden antes da foto protocolar. Ele elogiou o chefe de Estado americano: “Estou realmente maravilhado”

Ausência

O presidente Joe Biden não estava no local no momento do discurso do presidente Jair Bolsonaro. O governo americano foi representado pelo secretário de Estado, Antony Blinken, enquanto Biden fazia, fora dali, um discurso sobre inflação e economia doméstica, no porto de Los Angeles.

Patrick T. Fallon / AFP



O presidente brasileiro durante discurso na Cúpula, em Los Angeles



Somos um dos países que mais preservam o meio ambiente e suas florestas (...) Somente no bioma Amazônia, 84% da floresta está intacta”

Jair Bolsonaro, presidente da República

internacional, o chefe do Executivo também comentou sobre o trabalho de buscas ao indigenista da Fundação Nacional do Índio (Funai) Bruno Araújo Pereira e ao jornalista inglês Dom Phillips, colaborador do jornal *The Guardian*.

Segundo Bolsonaro, o Brasil realiza busca pelos dois de maneira “incansável”. “Desde o primeiro momento, nossas Forças Armadas e Polícia Federal têm se destacado na busca incansável da localização dessas pessoas. Pedimos a Deus que sejam encontrados com vida”, completou (**leia mais sobre o caso na página 6**).

Análises

Para Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, Bolsonaro mentiu no discurso. “Disse que cuidava do meio ambiente, enquanto todos sabem que o desmatamento na Amazônia subiu 76% desde o início de seu mandato, assim como cresceram a destruição do Cerrado, da Mata Atlântica e do Pantanal”, listou. “Ele afirmou que 84% da Amazônia está preservada, o que é falso, pois quase 20% da floresta

foram perdidos para o corte raso e praticamente o mesmo percentual para a degradação.”

De acordo com o especialista, o chefe do Executivo “mentiu também quando disse que nenhum país possui lei ambiental tão rigorosa quanto a nossa e sobre defender democracia e liberdades”. “Ele não só não faz ou fez nada disso, como desmontou todas as estruturas de proteção ambiental, atacou jornalistas, as ONGs, demitiu o presidente do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), entre inúmeros outros atos desde 2019”, completou.

Para Astrini, “a mentira mais cruel” foi dizer que o primeiro momento atuou nas buscas dos desaparecidos. “Em nota à imprensa, mais de 30 horas depois do desaparecimento, o Comando Militar da Amazônia declarou que aguardava ‘acionamento por parte do Escalão Superior’. Ninguém esquecerá que Bolsonaro não fez esforços para ampliar as buscas, como classificou de ‘aventura’ a presença dos dois na região.”

Mariana Mota, coordenadora de políticas públicas do Greenpeace Brasil, observou

que Bolsonaro fez um discurso cego do país que governa, e que Biden abriu mão de uma postura mais dura. “É uma situação caótica que a Amazônia e seus povos enfrentam sob o atual governo, ainda mais escancarada neste momento, em meio ao desaparecimento de Bruno e Dom Phillips”, afirmou. “Não é razoável buscar proteger a Amazônia e a democracia ao lado de quem justamente as ataca. Biden dá um sinal de confiança que Bolsonaro não merece e que pode legitimar sua destruição”, acrescentou.

Insegurança alimentar

Assessora de política do Instituto Socioambiental (ISA), Adriana Ramos ressaltou que o presidente repetiu dados inverídicos, a exemplo de outras participações em eventos internacionais. “Chega a ser curiosa a fala sobre o papel do Brasil na questão da segurança alimentar mundial na mesma semana em que uma pesquisa demonstrou que 60% da população brasileira sofre algum tipo de insegurança alimentar”, ressaltou. “A menção ao desaparecimento de Bruno e Dom,

no discurso, reforça a sensação de que foi feito para agradar à comunidade internacional. Mas mesmo aí ele não foi fiel aos fatos, já que o governo demorou a atender aos pedidos para intensificar as buscas.”

Já Arthur Wittenberg, professor de políticas públicas do Ibmecc, apontou que a participação do Brasil na Cúpula foi uma boa oportunidade. “Esse contato pessoal melhora o diálogo entre os dois maiores países americanos. Os EUA precisavam elevar a importância da Cúpula, e o Brasil entendeu que seria uma boa oportunidade para essa aproximação porque, apesar de diferenças ideológicas, é fundamental o engajamento político e econômico com os EUA”, disse.

Para ele, o discurso de Bolsonaro foi “razoável”, por trazer as questões ideológicas numa perspectiva mais equilibrada, distanciando-se, de certa forma, da convergência ideológica com Trump. “Bolsonaro e Biden entenderam que é preciso restabelecer as bases centrais da relação entre Brasil e EUA, ampliando a inserção internacional do Brasil”, afirmou.

EUA pregam respeito às eleições

O presidente americano, Joe Biden, deixou claro para o presidente Jair Bolsonaro que os Estados Unidos esperam que o resultado da eleição brasileira seja respeitado, segundo a porta-voz em português do Departamento de Estado americano, Kristina Rosales.

“O que os Estados Unidos fazem é: nós acreditamos no sistema que está ali, sabendo que é um sistema que tem funcionado antes, que tem sido responsável pelo resultado do voto democrático e, para nós, estamos acreditando nesse sistema seguro e confiável”, afirmou Rosales. “É isso foi certamente o que o presidente Biden comunicou ontem (quinta-feira), dizendo que nós acreditamos nisso e esperamos que o resultado, seja qual for, seja respeitado, que foi então o que nós interpretamos, também, pela fala dele, do presidente Bolsonaro.”

Segundo ela, Biden saiu “satisfeito” do encontro com o chefe de Estado do Brasil. “A gente não tolera, não aceita intervenção no sistema eleitoral em nenhum lugar. Então, a gente quer que seja o resultado exatamente da voz do povo brasileiro”, destacou a diplomata americana a jornalistas.

Diante de Biden, Bolsonaro defendeu a realização de eleições justas e “auditáveis”. O chefe do Executivo tem feito repetidas investidas contra o sistema eleitoral, com acusações, sem prova, sobre a confiabilidade do processo de voto. Quando defende que as eleições sejam auditáveis, argumenta que o sistema atual não é passível de auditoria, o que é incorreto.

Bolsonaro já chegou a sugerir, inclusive, que as Forças Armadas façam uma contagem paralela de votos e tem colocado em xeque a imparcialidade de ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A tática é a mesma usada pelo ex-presidente americano Donald Trump, que não aceitou a transição de governo pacífica, após perder a eleição para Biden e incitou uma turba de apoiadores que invadiu o Capitólio em 6 janeiro de 2021.

Incômodo

A questão era considerada uma das mais incômodas para o encontro entre os dois presidentes. Os Estados Unidos têm mandado recados claros, por interlocutores diversos, a Brasília, com pedido de que Bolsonaro respeite o resultado eleitoral e diminua a retórica de ataques às urnas.

Na quinta-feira, depois do encontro com Biden, diplomatas brasileiros respiraram aliviados e comemoraram como uma vitória o fato de o americano não ter feito cobranças públicas a Bolsonaro sobre o assunto. Como anfitrião da Cúpula das Américas, o norte-americano convidou o brasileiro para o encontro em Los Angeles e, por isso, a expectativa nos dois governos era de que não houvesse críticas ou hostilidades por parte do americano.